

## O EMPODERAMENTO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Joseane Laurentino Brito da CRUZ (Universidade Federal de Pernambuco)

**RESUMO:** o presente artigo pretende estudar o discurso das trabalhadoras que passaram por um processo de formação promovido pela FENATRADE em parceria com a CUT- Escola do Nordeste. Interessou-nos compreender como as trabalhadoras constroem sua identidade a partir do conceito de Empoderamento pelo projeto de qualificação Trabalho Doméstico Cidadão. Os corpora foram descritos, analisados e interpretados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da filosofia da linguagem postulados pelo filósofo russo Mikail Bakhtin (BAKHTIN, 1997, 2000, 2004). Descrevemos, analisamos e interpretamos o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas em relação à temática empoderamento, bem como, o papel da linguagem das enunciatórias dentro desse processo utilizando a análise dialógica do discurso. Após análises, observamos que há uma série de atos irrepetíveis que se projetam para um futuro, um devir, que se configura na construção de uma nova identidade da trabalhadora doméstica como categoria fortalecida e organizada.

**PALAVRAS-CHAVES:** Discurso. Empoderamento. Identidade .Trabalho doméstico cidadão

### 1. Introdução

Na atualidade, no Brasil, a categoria *trabalhadora doméstica*, dentre as diferentes categorias de trabalhadores brasileiros, ainda que considerando algumas conquistas trabalhistas importantes obtidas, a saber: carteira-assinada, férias, décimo-terceiro salário, licença-maternidade, folga semanal e FGTS, é aquela que ainda apresenta um elevado grau de informalidade nas relações de trabalho estabelecidas entre empregador-empregado e de precariedade de condições de trabalho. Em relação à informalidade, segundo (Melo, 1998), nas regiões Norte e Nordeste, por exemplo, o índice de trabalhadoras domésticas sem carteira assinada ainda é muito alto, girando em torno de 91 a 94%, conforme dados do IBGE/PNAD-95. Quanto às precárias condições de trabalho, as queixas mais frequentes dessas trabalhadoras são a não observância da jornada de 8 horas diárias de trabalho e da folga semanal. Tais dados demonstram o grau de informalidade e de precariedade de condições de trabalho dessa classe trabalhadora. Além disso, um outro fator que contribui para o agravamento da precarização do trabalho doméstico é o fato dessa trabalhadora possuir um baixo grau de escolaridade e pouca qualificação para exercer o trabalho doméstico (Melo, 1998).

Diante desse contexto, a Central Única dos Trabalhadores – CUT, reconhecendo o descumprimento da legislação trabalhista que disciplina o trabalho doméstico, por parte dos empregadores, aliado a outros fatores, como baixa escolaridade, qualificação profissional precária e pouca informação sobre seus direitos enquanto classe trabalhadora, implantou o Projeto intitulado *Trabalho Doméstico Cidadão* (TDC), cuja finalidade é oportunizar a formação educacional e profissional, visando promover a conscientização dessa categoria profissional sobre o valor social do trabalho doméstico e facilitar a sua inserção no mercado de trabalho, incentivando-as a lutar por condições de trabalho mais dignas. O projeto TDC trabalhou durante a formação com os seguintes conceitos: identidade, trabalho decente, qualidade de vida e empoderamento. Todos esses conceitos foram objeto de estudo discursivo em nossa dissertação de mestrado (CRUZ, 2008), no entanto, para esse artigo, nos deteremos apenas no conceito de empoderamento, uma vez que todos os outros conceitos trabalhados na

formação tinham como objetivo principal chegar até este. Mas o que significa essa palavra? Empoderamento (inglês empowerment), segundo o caderno das educandas do TDC, 2006, significa uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, o aumento da autoridade e do poder dos indivíduos sobre os recursos e decisões que afetam sua vida. A comunicação e o conhecimento são elementos essenciais para que o indivíduo tenha condições de tomar alguma decisão e agir em seu próprio benefício e de sua comunidade, sejam, portanto, empoderados.

Partimos da ideia bakhtiniana (BAKHTIN, 2000) de que um locutor não é o primeiro a falar de algo que já tenha sido falado, esclarecido e julgado de diversas maneiras. Dessa forma, podemos dizer que estudar o discurso das trabalhadoras domésticas em formação significa analisá-lo na perspectiva de uma construção histórica e social, tomando-se em consideração o lugar social ocupado pelos enunciadorens enquanto categoria trabalhadora, e as diferentes visões de mundo advindas de suas posições de classe. Para Bakhtin(2000), todo enunciado sempre tem um caráter responsivo em relação a outros enunciados e representa a opinião de seus interlocutores a saber: suas visões de mundo, suas opiniões, sua apreciação acerca de determinado acontecimento na vida cotidiana. Portanto, as questões que nortearam esse artigo foram: Até que ponto as trabalhadoras incorporam ou não as palavras, os discursos de outrem como se fossem seus? Como elas reagem aos discursos presentes no conceito de empoderamento proposto pelo TDC? Que tipo de relações se estabelecem entre as suas palavras e as palavras do Projeto TDC/Sindicato e quais são os efeitos de sentido produzidos? A partir dessas questões, postulamos como hipótese para essa pesquisa que o empoderamento dessas trabalhadoras se dá na confluência da alteridade, nesse embate dialógico entre o eu(trabalhadora doméstica) e o outro no discurso, a saber o discurso do sindicato/formação e o da sociedade.

Os nossos objetivos para esse trabalho foram os seguintes: descrever, analisar e interpretar o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no TDC e o discurso das trabalhadoras domésticas em relação à temática empoderamento; descrever, analisar e interpretar o papel da linguagem das enunciadoras dentro desse processo utilizando a análise dialógica do discurso.

## **2. Fundamentação Teórica**

Os estudos bakhtinianos estavam voltados para a literatura, mais especificamente à estética da linguagem de Rabelais e Dostoiévski. Não obstante, Bakhtin não se deteve sua atenção apenas ao discurso literário. Sua análise estendeu-se também ao discurso cotidiano, como ponto de observação das relações entre o mundo e o homem habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais: seres socialmente organizados que interagem e produzem a enunciação, a partir do meio social no qual estão inseridos.

Souza (1999), ao estudar o termo enunciado, no conjunto das obras assinadas por Bakhtin/Volochínov/Medvedev, observou que este vai aparecer relacionado a uma série de outros conceitos, como palavra-enunciado, signo-enunciado, texto-enunciado, discurso enunciado, etc os quais se encontram na fronteira de várias disciplinas que se ocupam de questões relacionadas à linguagem.

Para Bakhtin (1997b), referindo-se ao enunciado concreto, toda a palavra compreende os seguintes aspectos: conteúdo/sentido: (a) conceito – a designação de um objeto; (b) expressividade: imagem; (c) emotividade/volitividade: entonação valorativa sobre o objeto.

A consideração de tais aspectos significa admitir que os enunciados não são neutros e que não podem ser estudados fora de um contexto cultural e semântico-axiológico ou ainda em um contexto de uma situação específica da vida privada. Volochínov (1981, p. 191), referindo-se ao enunciado cotidiano, afirma que ele é composto de uma parte verbal – a palavra (forma composicional) e de outra extra-verbal (situação) a qual “integra-se ao enunciado como um elemento indispensável a sua constituição semântica.” A situação, assim compreendida, pressupõe os seguintes elementos: (a) elemento espacial: horizonte espacial comum; (b) o elemento semântico: o conhecimento e a compreensão da situação (tema); (c) o elemento axiológico: o valor comum. Como afirma Volochínov (1981, p.198):

Toda a palavra realmente pronunciada – e não sepultada no dicionário – é a expressão e o produto da interação social de três participantes: o locutor (autor), o ouvinte (o leitor) e isto de que se fala (o herói).

Isso significa que esses elementos extra-verbais constituem um todo orgânico com a forma composicional da palavra e que todo o estudo de sua forma verbal deve tomar em consideração seus elementos extra-verbais. Além disso, há de se considerar também que o *horizonte social* do enunciadador é que vai, em certa medida, orientar e organizar a forma, desde a escolha da palavra até a sua disposição e entonação. Nesse sentido, todo o enunciado obedece a uma dupla orientação do locutor, tanto em direção ao ouvinte como em direção ao objeto do enunciado (tema) (SOUZA, 1999).

Assim, toda a palavra comporta duas faces, procede de alguém e se dirige a alguém. É o produto da interação entre o locutor e o ouvinte, é o “território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.113). A palavra é extraída de uma espécie de estoque social dos signos disponíveis cujo significado social se realiza na enunciação concreta determinada pelas relações sociais.

Tais postulações vão provocar uma profunda mudança nos estudos da linguagem, principalmente no que se refere ao objeto da lingüística, pois os autores vão defender que o objeto da lingüística deve ser a fala, a interação verbal, que constitui a realidade fundamental da língua. Para ele (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.123) “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, (...), mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação”.

Bakhtin e Volochínov (2004, p.113) estabelecem, assim, o princípio do dialogismo da linguagem, que inclui um processo de compreensão ativo e responsivo, ou seja, intersubjetivo. É preciso ressaltar que o termo diálogo passa a ser entendido não no sentido estrito, que também é uma das formas da interação verbal, mas num sentido amplo, envolvendo toda a comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. É a própria vida que, para esse filósofo russo, representa e apresenta-se como um grande diálogo.

Nesse sentido, o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente. A linguagem está sempre em movimento, sempre inacabada, em constante processo de renovação, pela compreensão que acontece no intervalo do diálogo, onde se constitui a singularidade, pelo fato de a relação entre os sujeitos

ser anterior à subjetividade e de a relação entre os interlocutores ser responsável pela construção dos sujeitos produtores de sentido. Para Bakhtin (2002), a compreensão, que está relacionada a um juízo de valor, é submetida à ação do diálogo. O dialogismo estabelece, pois, uma transformação na visão do sujeito e da linguagem, ambos submetidos às pressões sociais e ideológicas.

Por conseguinte, na visão bakhtiniana são os elementos extralingüísticos dialógicos que perpassam todos os enunciados. Isso significa que para estudar esses elementos é necessário analisar o sentido. A análise de um enunciado isolado, segundo Bakhtin, 2000, compete à lingüística. Já a análise das relações de sentido, presentes num enunciado concreto e de caráter distinto, é dialógica.

Dois enunciados distintos confrontados um com o outro, ignorando tudo um do outro, apenas ao tratar superficialmente um único e mesmo tema entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si. Ficam em contato, no território de um tema comum, de um pensamento comum. (BAKHTIN, 2000, p.191)

São essas relações de sentido, apoiadas nas marcas extralingüísticas de um enunciado que, segundo Brait e Melo (2008, p.72)

[...] fazem muita diferença no sentido de conceber, por exemplo, marcas enunciativas como discursivas, ou seja, não apenas as deixadas verbalmente no enunciado, mas marcas da enunciação de um sujeito, de um lugar histórico e social, de uma posição discursiva, que circula entre discursos e faz circular discursos. Tanto na vida como na arte e nas ciências.

Sendo assim, a concepção de enunciado e enunciação, em Bakhtin (2000) só pode ser compreendida numa perspectiva comunicativa, interativa, avaliativa e dialógica. Compreender tal perspectiva, requer ampliar a nossa visão para outra dimensão do enunciado: ele tem sempre um locutor e sempre se dirige a alguém, está voltado para o destinatário. Esse destinatário, por sua vez, pode ser o parceiro, o interlocutor que, a partir de sua atitude responsiva, pode ressignificar esse enunciado. Essa ressignificação acontece no intervalo do diálogo entre discursos a partir da interação verbal. Nesse sentido, Bakhtin e Volochínov (2004, p.146) vão tratar da questão do discurso de outrem numa perspectiva dialógica.

O estudo fecundo do diálogo pressupõe uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, e é essa recepção que é fundamental para o diálogo.

Outro conceito que é caro a Bakhtin e Volochínov (2004), e que aparece em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz respeito ao problema da significação, o qual apresenta uma semântica que comporta dois aspectos para a construção do sentido da enunciação: tema e significação.

O sentido de uma enunciação completa é o tema, o qual é único e depende de uma situação histórica concreta no momento de sua enunciação. Há também no tema e na sua realização os elementos extralingüísticos, não-verbais da situação. Enquanto o tema é a enunciação que só pode ser tomada em sua amplitude concreta, a partir do instante histórico em que é enunciada, a significação é idêntica em todas as instâncias históricas nas quais um enunciado é pronunciado.

A significação de uma palavra “não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto”. Já o tema “é um atributo apenas da enunciação completa; ele pode pertencer a uma palavra isolada somente se essa palavra opera como uma enunciação global.” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 126) Bakhtin e Volochínov (2004, p.124) esclarecem esta questão através de um exemplo de enunciado: “*Que horas são?*” Sua significação, observa ele, pode ser segmentada em todos os seus elementos constitutivos; já o *tema* está relacionado a uma situação histórica concreta e não pode ser segmentado. Ou seja, o tema da enunciação não é determinado apenas “pelas suas formas composicionais (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 124), sendo necessárias as duas dimensões - forma e situação - para construir o sentido de um enunciado como o referido pelo autor.

Assim, podemos dizer que o tema e a significação na enunciação estão, pois, inter-relacionados, sendo impossível construir uma fronteira entre um e outro. Para se compreender melhor a distinção entre tema e significação é preciso relacionar com o problema da compreensão, o qual pode ser abordado de duas formas: compreensão passiva - exclui qualquer resposta (própria dos filólogos); compreensão ativa - contém o germe de uma resposta (interação verbal). Para Bakhtin e Volochínov (2002, p. 132) só a compreensão ativa, vista como uma forma de diálogo, permite-nos apreender o tema. Todo o ato de compreensão é uma resposta na medida em que ele introduz o objeto de compreensão num novo contexto. Dessa forma, os autores (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p.132) argumentam que “a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. Seria nisso que consiste o processo de compreensão: quanto maiores e substanciais forem nossas palavras, mais profunda será a compreensão acerca delas.

O processo de compreensão ativo e responsivo compreende também o acento de valor ou o acento apreciativo. Segundo Bakhtin e Volochínov (2004, p. 132) “*não há palavra que não contenha acento*”. Mas em que consiste esse acento e de que forma ele se relaciona com a significação?

Como dissemos anteriormente, o acento apreciativo está relacionado ao tema e à significação, porque não há palavra, segundo Bakhtin e Volochínov (2004) que não contenha acento, o qual está relacionado diretamente à questão da compreensão ativa. Mas em que consiste essa entoação dada à palavra dentro de um tema referido pelo autor?

Para Bakhtin e Volochínov (2004, p. 135), toda enunciação traz em si uma “orientação apreciativa”. Essa orientação se realiza no momento da enunciação viva que contém um sentido e uma apreciação ao mesmo tempo. É essa apreciação social que nos permite compreender a evolução histórica de um tema e das significações que o compõem. Essa entoação social também se deve às mudanças de significação, ou seja, a palavra é deslocada de um contexto apreciativo para outro. De acordo com Bakhtin e Volochínov (2004, p. 134) a palavra está entrelaçada à apreciação e o seu significado não pode ser dissociado da evolução viva e nem da evolução histórica. Dando continuidade a essa idéia, Bakhtin e Volochínov

(2004, p. 136) esclarecem que há uma luta entre os acentos, na *semântica da existência*<sup>1</sup>, e que não há nada na composição do sentido que seja superior à evolução ou independente do *alargamento dialético do horizonte social*.

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias.(p. 136)

Bakhtin (2002), em *Problemas da poética em Dostoiévski*, ao tratar do valor do acento apreciativo, afirma que é ele que dá o tom daquilo que é dito. Uma mesma oração pode ser entendida de diversas formas, pode ter diversos sentidos e o acento apreciativo torna-se responsável pela “*nuance*” que atribui à palavra um determinado sentido. Pensando a perspectiva da compreensão daquilo que é exposto pelo enunciador, em Bakhtin e Volochínov (2004:132) “compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra”. Assim, é na relação dialética que ocorre a interação das pessoas por meio das palavras, as palavras do outro vão aos poucos se tornando as minhas palavras. Aos poucos eu vou me apropriando delas e, ao mesmo tempo, vou concordando com as vozes sociais ou discordando do que foi já foi dito antes.

Para esse filósofo russo (BAKHTIN, 2000), isolar a significação da apreciação significa destituir a língua da evolução social e histórica. O que significa dizer que é necessário levar em conta, no estudo das significações, a apreciação social. É nesse contexto que dizemos que as trabalhadoras domésticas ressignificam os novos conceitos, as palavras trazidas pelo projeto TDC, uma vez que elas se encontram situadas histórica e socialmente como categoria trabalhadora.

Os autores (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004), na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, sugerem também que, na relação locutor-interlocutor, o que importa não são as palavras ditas pelo interlocutor ou pelo locutor, mas a interação que se trava entre os dois através dos discursos. É nesse momento que as palavras confrontam-se e se estabelecem na arena das lutas sociais cujas relações de sentido se dão no embate entre ambos (locutor e interlocutor) na enunciação dialógica. É nas relações humanas e, mais especificamente, no mundo do trabalho, que os trabalhadores, em suas organizações e esferas de atividade profissional, apropriam-se das palavras do outro, tornam as palavras do outro as suas próprias palavras apropriando-se assim dos signos e valores ideológicos. Esses trabalhadores apropriam-se assim dos diversos sentidos das palavras, dos enunciados, inserindo-se na cultura.

---

<sup>1</sup> Bakhtin e Volochínov (2004, p.136) esclarecem que os novos aspectos da existência foram integrados no círculo do interesse social e que se tornaram objetos da fala e da emoção humana. Eles não coexistem pacificamente com os elementos que foram integrados antes deles: ao contrário, entram em luta com eles e os submetem a uma reavaliação, fazem-nos mudar do lugar no interior da unidade do horizonte apreciativo. Essa luta, entre esses acentos, vai ser refletida na *evolução semântica* a qual se dará ao longo de toda a vida do indivíduo.



E é nessa dimensão, nessa relação entre o discurso do “eu” e do “outro” que os sujeitos se constituem através das trocas linguageiras. É essa alteridade que constitui as relações dialógicas. Mas como esse “eu” e esse “outro” se constituem na dimensão da alteridade.

Para Bakhtin (2000) a presença do “outro” é parte constitutiva do sentido como uma outra voz que habita o discurso. Para ele (BAKHTIN, 2000), a palavra traz em si uma outra voz, ou seja, a palavra é *bivocal*. Nesse sentido, sugere-se que a interação verbal é estabelecida em meio às relações sociais e que, por conseguinte, não pode ser atribuída a um sujeito de maneira isolada, pois “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente” (BAKHTIN, 2000, p. 182)

Segundo Bakhtin e Volochínov (2004), o homem constitui-se na relação com o outro, pois nenhum locutor quando fala está agindo sozinho. Nenhum enunciado é monológico ou neutro. Ele sempre está dado num contexto sócio-histórico e cultural:

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc.) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados, neutros, nem pode haver; mas a lingüística vê neles somente *o fenômeno da língua, relaciona-os apenas com a unidade da língua*, mas não com a unidade de conceito, de prática de vida, da História, do caráter de um indivíduo, etc (2004, p. 46)

Partindo desse enfoque poderíamos dizer, com Bakhtin e Volochínov (2004), que há uma articulação entre o textual e o histórico na construção da identidade, uma vez que a significação de uma atividade enunciativa pode ser relacionada a posturas externas e ao sentido já estabelecido de uma luta pelo poder pois “cada objeto, cada entonação, está englobado numa luta ideológica renhida” (Bakhtin, 2000, p. 467). Assim a formação da identidade subjetiva de um indivíduo se dá na sua relação com o outro, pois é na subjetividade em que o sujeito “*eu-para-si*” é também um “*eu-para-o-outro*”. (BAKHTIN, 2000) Essa identidade subjetiva, seria, então, construída no âmbito de um conjunto de relações sociais do qual participa o sujeito. Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito não é assujeitado, submisso às estruturas sociais e nem um indivíduo autônomo em relação à sociedade. É, antes de tudo, um sujeito que age em relação aos outros. Sua consciência constrói-se na comunicação social, na sociedade, na história. Como a realidade social é heterogênea, podemos dizer, de acordo com a teoria bakhtiniana, que o homem constrói a sua voz social-discursivamente a partir da apreensão das vozes sociais que constituem a sua realidade.

Se é através da linguagem que os indivíduos se apropriam da realidade e da própria linguagem e assim podem agir no mundo, poderíamos então dizer que essa forma de apropriação objetiva se dá através do discurso. O discurso, seria, pois, o produto das relações entre os indivíduos. É nesse processo que o sujeito se constitui e as marcas que ele traz em seu discurso carregam o caráter histórico e ideológico que ele estabelece na relação com o mundo.

De acordo com Bakhtin e Volochínov (2004) o homem é habitado pelo signo e ideologicamente marcado pelas estruturas sociais nas quais está inserido e é nessas estruturas sociais que os sujeitos se constituem. É essa relação que possibilita o diálogo o qual pressupõe sempre um movimento de ida e vinda, que não se limita apenas à comunicação entre pessoas face a face, mas que possibilita também o diálogo entre os discursos. Visto nessa perspectiva, o discurso seria um espaço marcado pelas diversas vozes vindas de outros discursos, que se inter-relacionam, pois conforme Bakhtin (2000), o sujeito “traz em si todas as vozes que o sucederam um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente.” (p. 290) É nesse mundo articulado pelas estruturas sociais que esses sujeitos e seus discursos dialogam, se refutam e se refrutam.

Bakhtin (2000) defende também que a posição de que o acabamento do *eu* venha de fora, ou seja, é o outro que nos completa, pois, só ele, pela posição que ocupa – posição *exotópica* - pode ver o que não vemos pelo excedente de visão dele. O lugar do qual vejo o outro não é qualquer lugar, é sempre um lugar social, valorado, que tem significação. O autor (BAKHTIN, 1993a, p. 34) segue dizendo que o ato de pensar é um movimento responsabilmente consciente da consciência a qual, no momento do Ser-evento único, não é uma passiva reação psíquica, mas é moralmente válida e responsivamente ativa. Esse momento, constituído por pensamentos, sentimentos, palavras e ações representam uma atitude emocional-volitiva e estão relacionados a um contexto na vida real, unitária e única.

Partindo dessa teoria levantamos a hipótese de que o discurso da formação, através do Projeto TDC, possibilita a construção de uma nova identidade para as trabalhadoras domésticas enquanto categoria de trabalho. E de que forma essa nova identidade da doméstica, como categoria de trabalho, é construída? Em que momentos essa nova visão da realidade é configurada no discurso dessas trabalhadoras que passaram por esse processo de formação? Lembramos Bakhtin (1993), quando diz que cada pensamento que temos é um ato que realizamos num determinado momento de nossas vidas, o qual é irrepetível e acontece durante toda a nossa vida. Esse *ato*, segundo ele (BAKHTIN, 1993a) dá-se num determinado evento situado historicamente e socialmente.

O ato nosso de atividade, além de fazer parte da nossa experiência real, envolve o conteúdo desse ato, seu processo. Esse ato responsável/responsável está relacionado à valoração e à avaliação do seu agente com relação ao seu próprio ato. A responsabilidade do ato está relacionada a um compromisso ético do seu agente. Para Bakhtin (1993a), nada que diga respeito ao mundo da cultura pode ser extraído da abstração primeira do signo. Na vida real, todo signo é duplo, não como expressão de duas referências abstratas, mas como expressão de dois sujeitos e de duas visões de mundo. Nosso olhar sobre o mundo só é nosso porque há um outro olhar com relação ao qual o nosso ganha sentido.

Segundo a teoria bakhtiniana (BAKHTIN, 1993a), cada pensamento que temos, junto com o seu conteúdo, é um ato ou ação que realizamos. E é justamente esse conjunto de todos esses atos irrepetíveis que fazem, da nossa vida, uma vida única e inteira. (p.3)

São atos, para Bakhtin (1993a), tanto as ações físicas como as de ordem mental, emotiva, estética, como as ações tomadas em termos concretos e não somente cognitivos e psicológicos. Para ele todo o evento de linguagem – mesmo aquilo “*que sonhamos, na última solidão do ser*” (BAKHTIN, 1993a, p.5), – é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais. Quanto ao evento, este é definido como o momento histórico-concreto em que o ato está situado, ou seja, a presentificação dos seres à consciência viva. Assim como não há objetos que não ocorram, não se tornem eventos, não há eventos sem a presença de



objetos, ou entidades. O evento ocorre num dado lugar e espaço. Evento e objeto se pressupõem mutuamente, uma vez que incluem tanto um dinamismo e uma singularidade, tanto estaticidade e universalidade. O evento contém os vários atos de atividade do homem ao longo desse diálogo compreendido entre o nascer e o morrer.

Já o evento do ser em processo é, para Bakhtin (1993), alguma coisa que está em devir e se projeta para o futuro. É exatamente isso que queremos analisar nos atos executados pelas trabalhadoras domésticas em formação, através da linguagem. O ato como algo que se projeta para o futuro, que é a construção do conceito de empoderamento na configuração de uma nova identidade profissional através desse retrabalho da linguagem. Compreendendo que a trabalhadora doméstica configura uma nova identidade, enquanto categoria de trabalho, na confluência da alteridade, pelo embate dialógico entre o eu (trabalhadora doméstica) e o outro, no discurso, iremos abordar em nossas análises como o conceito de empoderamento foi incorporado ao discursos das trabalhadoras domésticas, bem como o ato de responsivo delas à palavra da formação, do sindicato e da sociedade.

### 3. Metodologia

Foram aqui analisadas as “entrevistas” semi-narradas de treze trabalhadoras que passaram pelo processo de qualificação profissional. Para analisar o conceito de Empoderamento, partimos das seguintes questões para entrevistar as trabalhadoras: Você acha que os direitos das trabalhadoras domésticas têm sido garantidos? Por quê?; O que significa pra uma trabalhadora doméstica ter uma carteira de trabalho assinada?; O que as trabalhadoras domésticas podem fazer para garantir os seus direitos; Na sua opinião o que é ser cidadã (o)?” Os corpora, como dissemos, anteriormente, foram descritos, analisados e interpretados à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da linguagem postulados pelo filósofo russo Mikail Bakhtin (BAKHTIN, 1993a, 1997, 2000, 2004). Para a análise, a partir do registro escrito das entrevistas, fizemos um levantamento do léxico utilizando o método estatístico chamado Stablex, criado pelo professor André Camlong.<sup>2</sup>

### 4. Análise dos dados

A temática “empoderamento”, trabalhada no curso de formação do projeto TDC, apóia-se no pressuposto de que as trabalhadoras domésticas devem conhecer todo o processo histórico da organização social das mulheres no Brasil e também a sua própria história de organização como categoria de trabalho. Essas mulheres ao conhecerem a sua própria história podem participar do sindicato e dos diferentes movimentos sociais a fim de discutirem questões de raça, gênero, direitos sociais e trabalhistas. Esta última temática, segundo o projeto de formação (TDC) resume todos os outros anteriores, a saber: Identidade e Cultura, Trabalho Decente e Qualidade de vida, os quais estão inter-relacionados. Ainda, segundo o

---

<sup>2</sup>O método Camlong é um método quantiquantitativo de análise de dados, o que significa dizer que se trata da descrição de dados qualitativos sobre um fundo quantitativo. Segundo Camlong (1996), através da matriz lexical é possível visualizar toda a “arquitetura textual do discurso”, o que nos possibilita, como pesquisadores, obter recortes enunciativos validados a partir do peso atribuído a cada léxico do conjunto discursivo. Esse método tem o nome de STABLEX, que significa: STA – de statistique (estatística), TAB – de tables, tableaux (tabelas), LEX – de lexique (léxico= dicionário) T...EX – de texte (texto)

projeto de formação, as trabalhadoras devem primeiro saber quem são, quais os seus direitos trabalhistas, como obter mais qualidade de vida no trabalho e na sociedade para assim poderem agir e tomarem decisão em relação à participação e ação enquanto categoria.

Ah, vem a **luta** de toda uma **categoria**, né? Falta pouco pra gente possa ter todos os **direitos** que as outras categorias profissionais têm que é jornada de trabalho regulamentada e o FGTS porque quando uma trabalhadora doméstica se desemprega ela não tem direito ao **seguro-desemprego**.

Se ela tivesse o FGTS ela teria esse direito. Eu acho que falta essas duas coisas. **Jornada de trabalho regulamentada** e principalmente o FGTS. Mas carteira assinada nós já temos, licença-maternidade nós já temos, aposentadoria por invalidez, por tempo de serviço, férias, décimo - terceiro, então eu acho que todas as trabalhadoras domésticas deveria **inclusive fazer parte** do seu **sindicato**, porque um sindicato que reúne muitos **associados**, muitos trabalhadores a tendência dele é se **fortalecer** mais e mais ainda e conseguir **benefícios** pra toda uma categoria.(T4)

O recorte discursivo da trabalhadora T4, cujo peso do vocabulário de predileção, por parte do enunciador, é altamente significativo, sugere, por suas escolhas lexicais - *categoria*, *seguro-desemprego*, *jornada de trabalho regulamentada*, - que essa variável demonstra conhecer não só os direitos já conquistados por sua categoria, mas também os que já foram garantidos a outras categorias e que ainda não foram conquistados pelas domésticas. A consciência da participação dessa variável é reforçada pelo acento apreciativo dado à palavra *inclusive* a qual resume a idéia de que as trabalhadoras deveriam participar ativamente do seu sindicato para assim fortalecê-lo e conseguir os *benefícios* que ainda faltam para toda a categoria, a saber: FGTS, seguro-desemprego e jornada de trabalho. Há uma consciência de que só um sindicato fortalecido pode trazer melhorias para a categoria. As palavras *fazer parte*, *associadas* e *fortalecer* no discurso enunciado por T4 sugerem que ela tem total consciência desse movimento de empoderamento. Ao relacionar o seu discurso com o do sindicato<sup>3</sup>, observamos semelhanças entre eles em relação a mudanças sensíveis na construção dessa nova identidade enquanto categoria de trabalho. Os efeitos de sentido que se estabelecem entre esses discursos seriam a organização e o fortalecimento do sindicato, esses elementos provocariam mudanças nas relações de trabalho e, por conseguinte, na situação das empregadas domésticas.

As empregadas domésticas organizadas no seu sindicato lutam por mudanças nas **relações de trabalho** e, com isso, estão provocando mudanças na sociedade, são **construtoras da democracia**. A situação das empregadas domésticas mudou e o sindicato é o maior responsável pela luta que teve em prol das transformações que aconteceram nos últimos anos.(p.39)

O recorte discursivo da trabalhadora T12, abaixo, nos permite observar a importância que essa enunciatrice atribui ao sindicato como um espaço através do qual a *conquista* de

<sup>3</sup> “O Valor Social do Trabalho Doméstico”, cartilha direcionada às trabalhadoras domésticas, cujo objetivo é resgatar o valor histórico e social do trabalho doméstico. Foi elaborada pelo Sindicato dos Trabalhadores Domésticos na Área Metropolitana da Cidade do Recife.

direitos trabalhistas é viabilizada. A apreciação social dessa enunciativa, em relação ao tema *Empoderamento*, revela que essas conquistas não foram obtidas sem esforço, mas através de *muitas lutas*, não advieram *de beijo*, nem *de braços abertos não* (T12-1), as conquistas vieram principalmente da luta empreendida pelo sindicato. Encontramos semelhanças entre o discurso do sindicato e o da trabalhadora T12 numa cartilha elaborada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Recife<sup>4</sup>. No recorte do discurso sindical, abaixo, podemos observar, pela ação enunciativa do Sindicato, que ele é o responsável pela organização das trabalhadoras na luta pela implantação dos direitos adquiridos e pela aquisição dos novos direitos ainda não garantidos por lei:

O Sindicato realiza organiza a luta para: 1- A **implantação** dos direitos adquiridos: carteira-assinada, folga semanal paga, férias, licença-maternidade;

2- para a aquisição de novos direitos: horas-extras, jornada de trabalho. (Recorte do sindicato p.42)

Através de muitas **lutas**. As **conquistas** que tem até agora não foi de beijo, de braços abertos não. Foi através de muita **luta** do **sindicato**, das pessoas que realmente tomam a frente pra que nós tenhamos...principalmente do sindicato, o sindicato é a fonte principal dessas **conquistas**, porque sem ele, a gente estaria ainda muito atrasado.(T12-1)

Ao analisarmos o recorte discursivo da trabalhadora T12, em comparação com o do Sindicato, observamos que ambos os discursos entram em relação dialógica à medida que se estabelece uma compreensão responsiva deste enunciatador T12 com o discurso do sindicato. O recorte analisado, acima, sugere que a trabalhadora acredita que só houve conquistas por causa da luta empreendida pelo sindicato ao dizer que “[...] Foi através de muita luta do sindicato, das pessoas que realmente tomam a frente para que nós tenhamos [...]” “[...] o sindicato é a fonte principal dessas conquistas.” (T12) Nesse sentido, concordamos com Bakhtin e Volochínov (2004, p.116) quando ponderam que a palavra é o “território comum do locutor e do interlocutor”, ou seja, há aqui um entrecruzamento entre a voz do sindicato e a voz dessa trabalhadora., nesse contexto de transformação e de reconhecimento de direitos enquanto categoria de trabalho.

Semelhantemente à trabalhadora T12, os recortes discursivos das trabalhadoras T13, e T1, acima, nos permitem observar que essas trabalhadoras têm uma visão ampliada do que é ser uma categoria de trabalho organizada. Os discursos de das trabalhadoras T13(Vide T13-1) e T1(vide T1-1) retomam o discurso do projeto de formação, o qual preconiza que uma trabalhadora doméstica empoderada é aquela que participa ativamente do seu sindicato e de outros movimentos sociais, a fim de exigir que os seus direitos, enquanto trabalhadora doméstica e mulher, sejam reconhecidos na sociedade.

---

<sup>4</sup> Idem

Ao cruzar o discurso dessas trabalhadoras (T13 e T1) com o do sindicato, via cartilha “O valor social do trabalho doméstico”<sup>5</sup> encontramos o seguinte:

Tá sendo garantido pela **luta** dos sindicatos né? das trabalhadoras domésticas, porque se a gente ficasse de braços cruzados, não estaria até ao ponto que tá chegando de nós é de ter uma **formação**. De muitos, de muitas empregadas não, não ter estudado. Ter sido criada na casa dos patrão e não ter oportunidade de estudar! Né? E hoje muitas delas tá tendo de estudar, tendo a **oportunidade** de de de... de fazer computação da questão de congelamentos e muitas outras **oportunidade** que o **movimento** das trabalhadoras domésticas tá fazendo pra que **fortaleça, fortaleça** mais esse **movimento** (T1-1)

O sindicato à medida que fortalece a condição da trabalhadora domestica, com participação ativa na vida política e social, faz com que uma nova **identidade** se construa socialmente. A doméstica deixa de ser vista como uma escrava e uma pobre coitada e passa a ser vista como uma trabalhadora e cidadã. (Cartilha do sindicato, p. 43)

Há, no discurso acima, enunciado pelo sindicato, o objetivo de construir uma nova identidade das trabalhadoras domésticas através de um fortalecimento de sua condição profissional na participação social para que ela deixe de ser vista como categoria de trabalho desvalorizada socialmente. Já no discurso de T1(1), observamos o acento apreciativo nas palavras *luta, oportunidade, fortalecer e organizada*, as quais ressignificam a ideia da organização, de fortalecimento expressa pelo sindicato. Além disso, a importância da valorização da trabalhadora e do seu empoderamento começa na oportunidade que ela tem de estudar e se organizar socialmente.

Ter sido criada na casa dos patrão e não ter oportunidade de estudar! Né? E hoje muitas delas tá tendo de estudar, tendo a **oportunidade** de de de... de fazer computação da questão de congelamentos (...) (vide T1-1)

Ainda analisando o recorte discursivo de T13(vide T13-2), observamos que essa enunciadora defende a organização das trabalhadoras e por isso não concorda que elas procurem o sindicato só para conhecer e obter os seus direitos. Elas também devem se tornar uma boa profissional. Observa-se, no discurso enunciado por essa trabalhadora (T13), um retorno ao discurso da formação ao evocar essa identidade profissional da trabalhadora doméstica através da qualificação. Comparando-se o discurso de T13, ao enunciar que as domésticas “só sabem procurar o sindicato pra querer os direitos, agora têm os direitos e deveres né?”, com o do sindicato, que diz o seguinte: “E aí fica uma pergunta: se você procura o seu sindicato para fazer valer os seus direitos, porque não se junta a nós para fortalecer o nosso sindicato?” (p.44) – podemos observar que ambos buscam essa redefinição da identidade enquanto categoria de trabalho que não apenas conhece os seus direitos individualmente, mas se organiza e faz valer os direitos adquiridos em prol de toda a categoria.

---

<sup>5</sup> Idem

A esse respeito, lembramos Bakhtin e Volochínov (2004, p.35) quando sugerem que a consciência adquire forma a partir dos signos que são criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os autores dizem ainda que esses signos, ao mesmo tempo em que alimentam a consciência individual, constituem a matéria de seu desenvolvimento. Essa consciência reflete a lógica da comunicação ideológica que acontece “na interação semiótica de um grupo social(...)” Essa interação semiótica se dá através da palavra pois, para ele, “a palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.”(p.35). Relacionando essa teoria aos recortes discursivos de T13, analisados anteriormente, podemos dizer que as trabalhadoras domésticas adquirem uma nova consciência individual, acerca de sua identidade enquanto categoria doméstica, no curso das relações sociais que se travam entre elas, seu sindicato e o curso de formação.

## 5.Conclusões?

Ao analisar e interpretar o diálogo estabelecido entre o discurso instaurado no projeto TDC, o discurso do sindicato e o discurso das trabalhadoras domésticas, em relação à temática Empoderamento, verificamos que os dados sugerem que: todas as variáveis, em maior ou menor grau, têm a consciência de que o sindicato é muito importante para a consecução dos direitos trabalhistas; relacionam o fortalecimento do sindicato à qualificação profissional; vêem o sindicato como um espaço de construção de conhecimento acerca dos direitos já garantidos por lei; acreditam que só um sindicato fortalecido pode trazer uma garantia de mais direitos para todas as trabalhadoras domésticas;

A partir das análises dos recortes discursivos, observamos que há neles uma série de atos irrepetíveis que se projetam para um futuro, um devir, que se configura na construção de uma nova identidade da trabalhadora doméstica enquanto categoria de trabalho fortalecida e organizada para garantir a efetivação dos direitos sociais já adquiridos e para adquirir mais direitos com a finalidade de acabar com a discriminação histórica relacionada à profissão. Há, no entanto, ainda uma retomada no discurso das trabalhadoras analisadas dentro dessa temática que revelam certo desconhecimento acerca dos seus direitos e das ações que devem ser assumidas por essa categoria em prol da garantia dos mesmos.

## Referências

AMORIM, Marília. Ato versus objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto; TEZZA, Cristóvão (Org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006 p.17-24.

\_\_\_\_\_. **O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da comunicação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997 a. (Informação obtida por livro eletrônico.)

\_\_\_\_\_. **Estética da comunicação verbal**. Tradução. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000

\_\_\_\_\_. “O problema do conteúdo, do material e da forma da criação literária”. In: BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética. A teoria do romance**. Tradução Aurora



Fornoni Bernardini et al. 3. ed. S. Paulo: UNESP, 1993, p. 13-70. (Tradução da Edição Russa de 1924).

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato.** Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. 1993 a. (Traduzido da Edição Americana).

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski.** Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002 (1ª. Edição Russa 1929). (Informação obtida por livro eletrônico.)

*BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem.* São Paulo: Hucitec, 2004.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth.(Org) **Bakhtin: outros conceitos chaves.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth.(Org) **Bakhtin: outros conceitos chaves.** São Paulo: Contexto, 2008.

**Caderno das Educandas** Temas: trabalho decente, identidade e cultura, qualidade de vida e empoderamento , 2006. Versão preliminar produzido pela PLANSEQ.

CAMLONG, André. **Méthode d'analyse lexicale textuelle et discursive.** Paris:C.R.I.C. & Ophrys, 1996

CRUZ, Joseane. **O discurso das trabalhadoras domésticas em formação.** 2008, 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: < [HTTP://www.ufpe.br/pgletras](http://www.ufpe.br/pgletras)>. Acesso em: 05.10.2010

DIAS, Luiz Francisco. Tema e significação em Bakhtin.In:*BRAIT*, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** Campinas, Unicamp, 2005. p. 99-107

MELO, Hildete. **O serviço doméstico no Brasil: de criadas a trabalhadoras.** [S. l.]: IPEA,1998. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/td/td0565.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2007.

PROJETO de qualificação com elevação de escolaridade no ensino médio. Trabalho Doméstico Cidadão. **Caderno do educador.** PNQ/PLANSEQ, versão preliminar, mimeografada, março-2006.

SINDICATO das domésticas: 12 anos em revista. Recife, 2000. Publicação avulsa

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOMÉSTICOS DA ÁREA METROPOLITANA DA CIDADE DO RECIFE. *O valor social do trabalho doméstico.* Recife: SOS Corpo, 1996

SOUZA, Geraldo Tadeu. **Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedv.** São Paulo: Humanitas, 1999.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica.** Tradução Carlos Alberto Faraco., 1976. 18 p. Título original “Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics”. do original

“Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics” (Informação obtida por livro eletrônico)

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. **Do léxico ao discurso pela informática.** São Paulo: Edusp / Fapesp, 2002. (Acadêmica; 45. Série Lingüística Informática; 1).